

Editorial

O preço da guerra

O mundo está prestes a pagar um preço alto pela guerra da Rússia contra a Ucrânia. Uma crise humanitária se desenrola diante de nossos olhos, deixando milhares de mortos, forçando milhões de refugiados a fugir de suas casas e ameaçando uma recuperação econômica que tinha começado após dois anos de pandemia. Como a Rússia e a Ucrânia são grandes exportadores de commodities, esse cenário elevou os preços da energia e dos alimentos, dificultando muito mais a vida das pessoas em todo o mundo.

A evolução da guerra definirá o grau de diminuição do crescimento ou do aumento da inflação, mas está claro que os mais pobres serão os mais atingidos. O preço desse conflito é alto e precisará ser compartilhado.

Segundo nossas projeções, a economia global deve enfraquecer bastante. Estimamos que o crescimento mundial seja de 3% em 2022, abaixo dos 4½% que projetamos em dezembro passado, e de 2¾% em 2023. As projeções de inflação estão em quase 9% nos países da OCDE em 2022, o dobro do que estimamos anteriormente. A inflação elevada em todo o mundo está corroendo a renda real disponível e os padrões de vida das famílias, reduzindo, assim, o consumo. A incerteza constitui um obstáculo ao investimento empresarial e ameaça reduzir a oferta nos próximos anos. Ao mesmo tempo, a política de “Covid zero” da China continua enfraquecendo as perspectivas globais, reduzindo o crescimento doméstico e interrompendo as cadeias de fornecimento globais.

Como os riscos pendem para o lado negativo, o preço da guerra pode ser ainda maior. O conflito tem atrapalhado a distribuição de energia e alimentos básicos, fomentando uma inflação mais alta no mundo inteiro e ameaçando principalmente os países de baixa renda. As economias europeias estão lutando para substituir o combustível russo, mas existe o risco de preços mais altos ou até de escassez, uma vez que não é fácil aprimorar fontes alternativas de energia com rapidez. Se a guerra se intensificar ou se prolongar, as perspectivas serão piores, principalmente para os países de baixa renda e a Europa.

A limitação da capacidade da Rússia de financiar a guerra, como pretende um embargo às exportações russas de petróleo, é imprescindível para acelerar o fim desse conflito devastador.

Enquanto isso, devemos minimizar as consequências humanitárias, econômicas e sociais.

A primeira urgência é evitar uma crise alimentar. Atualmente, o mundo está produzindo cereais suficientes para alimentar a todos, mas os preços estão muito altos e existe o risco de que essa produção não chegue a quem mais precisa. É necessária uma cooperação global para garantir que os alimentos cheguem aos consumidores a preços acessíveis, principalmente em economias de baixa renda e de mercados emergentes. Para isso, provavelmente precisa-se de mais ajuda internacional, bem como cooperação na logística de envio e distribuição para os países necessitados. Os erros da distribuição global de vacinas são fatos ainda recentes em nossa memória. Não vamos repeti-los.

Em segundo lugar, a inflação tem importantes efeitos distributivos. Ela ajudará a reduzir a dívida, incluindo a dívida pública, mas também está corroendo a renda real, as poupanças e o poder de compra. Ao mesmo tempo, ela pode afetar os lucros e a capacidade de investimento e criação de emprego das empresas. A inflação é um fardo que deve ser dividido de maneira justa entre pessoas e empresas, entre lucro e salários. Os governos também devem fazer a sua parte por meio do auxílio voltado aos mais vulneráveis ao aumento da inflação de alimentos e energia.

Em seguida, as políticas monetária e fiscal precisam se ajustar a essas circunstâncias extraordinárias.

Os níveis elevados de inflação e emprego *nos dias de hoje* sugerem que a política de acomodação monetária em todo o mundo não é mais necessária. No entanto, a inflação é impulsionada por alimentos e energia em muitas regiões. Mesmo se a política monetária não pode resolver esses choques de oferta, ela poderá sinalizar que não permitirá o aumento ou a propagação adicional de preços. A remoção da acomodação é, portanto, justificada em todo o mundo, mas com muita cautela na Europa, onde a inflação impulsionada pela oferta é dominante. Por outro lado, onde a inflação é impulsionada por uma demanda excessivamente dinâmica, como nos Estados Unidos, a política monetária pode ser apertada mais rapidamente para reduzir esse excesso.

A gestão da política fiscal é particularmente complexa. Devido aos níveis atuais de crescimento, emprego e inflação, a necessidade de auxílios universais à renda em toda a economia desapareceu e deve ser substituída por medidas mais direcionadas. A guerra na Ucrânia aumentou a necessidade de maiores investimentos públicos em defesa e de uma maior urgência na transição para energias mais verdes. Isso se soma a outras necessidades de investimento, como saúde, digitalização, envelhecimento da população e educação, enquanto as dívidas públicas permanecem altas. Esse enigma só pode ser resolvido com um foco maior na priorização por parte dos governos. Na Europa, a integração da região e a alta exposição à guerra exigem mais solidariedade na defesa e nos gastos com energia.

Esse confronto expôs como a segurança energética e a mitigação climática estão interligadas. Os governos precisam mudar de marcha para acelerar a transição energética. A resposta de emergência a uma possível crise de energia se tornou uma disputa acirrada por fontes alternativas de combustíveis fósseis e para aumentar o uso de carvão. Isso só pode ser temporário, já que o mundo precisa justamente do contrário: um rápido aumento no investimento e no consumo de energia mais limpa, que requer insumos, minerais e materiais intermediários que vêm de todo o planeta. Em resumo: quanto mais limpa a energia, maiores e mais diversificadas geograficamente as cadeias de valor terão que ser. Não haverá mitigação climática sem livre comércio e cadeias globais de valor resilientes.

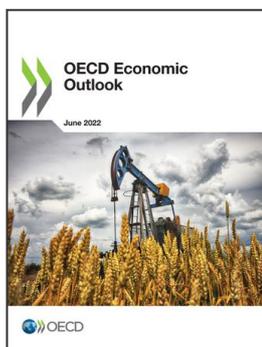
O mundo já está pagando o preço pelo ataque da Rússia. As escolhas feitas por formuladores de políticas e cidadãos serão cruciais para determinar como ele será distribuído entre pessoas e países.

8 de junho de 2022



Laurence Boone

Economista-Chefe e Secretária-Geral Adjunta da OCDE



From:
OECD Economic Outlook, Volume 2022 Issue 1

Access the complete publication at:

<https://doi.org/10.1787/62d0ca31-en>

Please cite this chapter as:

OECD (2022), "Editorial: O preço da guerra", in *OECD Economic Outlook, Volume 2022 Issue 1*, OECD Publishing, Paris.

DOI: <https://doi.org/10.1787/1e520801-pt>

This work is published under the responsibility of the Secretary-General of the OECD. The opinions expressed and arguments employed herein do not necessarily reflect the official views of OECD member countries.

This document, as well as any data and map included herein, are without prejudice to the status of or sovereignty over any territory, to the delimitation of international frontiers and boundaries and to the name of any territory, city or area. Extracts from publications may be subject to additional disclaimers, which are set out in the complete version of the publication, available at the link provided.

The use of this work, whether digital or print, is governed by the Terms and Conditions to be found at <http://www.oecd.org/termsandconditions>.